

MARY BALOGH



CLUBE DOS SOBREVIVENTES - 4

UMA PAIXÃO
& nada mais





UMA PAIXÃO
~ & nada mais ~

CAPÍTULO 1



Aos 26 anos, Agnes Keeping nunca havia se apaixonado e não tinha expectativa de que isso viesse a acontecer – nem mesmo desejava uma paixão. Preferia manter o controle de suas emoções e de sua vida, do jeito que era.

Aos 18, escolhera se casar com William Keeping – um cavalheiro da região, homem de bons modos, hábitos arraigados e recursos modestos – depois que ele, de modo muito apropriado, visitara o pai de Agnes para pedir a mão dela em casamento e em seguida fazer-lhe uma proposta bastante educada, na presença da segunda esposa do pai. Agnes estimava o marido e se sentira confortável ao lado dele durante quase cinco anos, até que ele morreu de uma de suas frequentes febres de inverno. Mantivera o luto, desolada, e uma sensação de vazio se instalou por mais tempo do que o ano exigido para o uso dos trajes de viúva. Ela ainda lamentava com tristeza a ausência de William.

No entanto, não fora apaixonada por ele, nem ele por ela. Aquela simples ideia lhe parecia absurda, sugeria um sentimento irracional e descontrolado.

Sorriu para seu reflexo no espelho ao tentar imaginar o pobre William vivendo uma paixão descontrolada, romântica ou de qualquer outro tipo. Em seguida, seus olhos se concentraram em si mesma, e lhe ocorreu que era melhor admirar seu esplendor naquele momento, enquanto tinha a oportunidade, pois, assim que chegasse ao baile, ficaria evidente no mesmo instante que, na realidade, ela não estava nada magnífica.

Usava um vestido de festa de seda verde que ela adorava, apesar de estar longe de ser novo – de fato, ela o adquirira quando William ainda estava

vivo – e de nunca poder ter sido considerado uma peça da moda. Era um modelo de cintura alta com um pequeno decote, mangas curtas e bufantes e bordados com fios prateados na barra e na beirada das mangas. Não parecia gasto, apesar de antigo. Afinal de contas, ninguém usava com tanta frequência seu melhor vestido de festa, a não ser quem circulasse em esferas sociais bem mais elevadas que a de Agnes. Havia alguns meses que ela residia num modesto chalé no vilarejo de Inglebrook, em Gloucestershire, na companhia de Dora, sua irmã mais velha.

Agnes nunca tinha comparecido a um baile até então. Claro que havia participado de outras festas, e alguém poderia argumentar que um baile é a mesma coisa, só que com outro nome. Mas a verdade era que havia um mundo de diferença. As festas aconteciam em salões públicos, em geral no andar de cima de hospedarias. Os bailes eram reuniões particulares organizadas pelos ricos e socialmente proeminentes a ponto de morar em uma casa com salão. Pessoas e casas assim não existiam em abundância no interior da Inglaterra.

Porém, havia uma delas nas imediações da casa de Agnes.

Middlebury Park era uma mansão imponente que ficava a menos de dois quilômetros de Inglebrook e pertencia ao visconde de Darleigh, marido de Sophia, amiga recente e muito querida de Agnes. A longa ala leste que tinha início na colossal construção central abrigava salões nobres de uma magnificência atordoante, ou pelo menos era o que havia parecido a Agnes quando Sophia a levava para visitar os cômodos certa tarde, pouco depois de se conhecerem. Entre aqueles cômodos havia um espaçoso salão de baile.

O visconde herdara o título depois de seu tio e seu primo encontrarem juntos uma morte súbita e violenta. Apenas naquele momento, quatro anos depois, Middlebury Park voltara a assumir o posto de centro social da região. Lorde Darleigh tinha ficado cego aos 17 anos, quando era oficial de artilharia nas guerras da Península, dois anos antes de o título, a propriedade e a fortuna tornarem-se dele. Vivera recolhido em Middlebury até conhecer Sophia e se casar com ela em Londres, no fim da primavera daquele ano, pouco antes de a própria Agnes se mudar para a região. O casamento e talvez uma maturidade crescente haviam propiciado ao visconde a confiança que aparentemente lhe faltara antes, e Sophia tinha se encarregado da tarefa de assisti-lo ao mesmo tempo que criava uma nova vida para si, como senhora de uma grande casa e uma enorme propriedade.

Por isso haveria o baile.

O casal estava retomando a antiga tradição do baile da colheita, que sempre acontecera no início de outubro. No vilarejo, porém, falava-se do evento mais como uma recepção de casamento, pois o visconde e a esposa tiveram núpcias discretas em Londres, apenas uma semana depois de se conhecerem, sem nenhuma comemoração pública. Nem mesmo a família dos noivos esteve presente. Sophia prometera, pouco depois de chegar a Middlebury, que haveria uma recepção em um futuro próximo, e o baile cumpria essa função, apesar de ela já estar esperando um filho, condição que não poderia mais ser escondida, mesmo com a moda dos vestidos de saias amplas e esvoaçantes. Todos na região sabiam, embora nenhum anúncio oficial tivesse sido feito.

Receber o convite para o baile não era uma honra destinada a poucos: quase todo mundo do vilarejo e dos arredores fora convidado. E Dora tinha uma forte ligação com o visconde e a esposa, pois dava aulas de piano aos dois, além de instruir lorde Darleigh no violino e na harpa. Ela se tornara amiga de Sophia no momento em que as duas descobriram que compartilhavam a paixão pela arte. Agnes pintava em aquarela; Sophia era uma caricaturista astuta e ilustrava histórias para crianças.

Além das pessoas da região haveria outros convidados, mais ilustres. As irmãs de lorde Darleigh e seus maridos estariam presentes, bem como o visconde de Ponsonby, amigo do anfitrião. Sophia explicara a Agnes que os dois faziam parte de um grupo de sete que por muitos anos permaneceram na Cornualha, recuperando-se de ferimentos de guerra. A maioria atuara como oficial militar. Chamavam aquele grupo de Clube dos Sobreviventes, e todos os anos os sete se reuniam para desfrutar da companhia uns dos outros.

Parentes de Sophia também viriam: seu tio Terrence Fry, diplomata veterano, além de outro tio e outra tia – sir Clarence e lady March –, que acompanhariam a filha.

Tudo parecia muito impressionante, e Agnes vinha esperando o evento com ansiedade e um sentimento que beirava a empolgação. Nunca pensara em si mesma como alguém que ambicionava o esplendor social, assim como não imaginava que pudesse se apaixonar. Mas nutria grande expectativa em relação ao baile, talvez porque Sophia também nutrisse e Agnes tivesse desenvolvido um profundo carinho pela amiga. Desejava o bem de

Sophia e esperava, com toda a sinceridade, que o baile fosse um grande sucesso.

Olhou de modo crítico para o cabelo que ela mesma havia arrumado. Tinha conseguido um pouco de volume, prendendo os cachos no alto da cabeça, e deixado alguns fios soltos que caíam no pescoço e cobriam as orelhas. Ainda assim, não se poderia dizer que era um penteado elaborado. E não havia nada de notável em relação ao cabelo em si, que tinha um tom de castanho indefinível, apesar de apresentar um brilho saudável.

Também não havia nada de impressionante no rosto emoldurado por aquele cabelo, pensou ela, sorrindo com certa amargura para o próprio reflexo. Não era feia, é verdade. Talvez nem fosse tão sem graça. Mas estava longe de ser dona de uma beleza estonteante.

Mas, por Deus, quando ela havia desejado ser assim? Aquela história de baile estava mexendo com sua cabeça e deixando-a atordoada.

Agnes e Dora chegaram cedo, como a maioria dos convidados da região. Chegar tarde estava na moda entre os integrantes da alta sociedade durante a temporada em Londres, comentara Dora quando saíram, dez minutos antes do horário planejado. Pelo menos, fora o que ela ouvira dizer. Mas no interior as pessoas costumavam ter boas maneiras.

Agnes se sentiu um tanto sem fôlego quando elas se aproximaram das portas do salão. A ala nobre da casa de Sophia parecia um tanto diferente, ainda mais magnífica, cheia de flores, arranjos pendentes por toda parte e velas acesas em suportes nas paredes.

Bem na entrada do salão, Sophia recebia os convidados ao lado de lorde Darleigh. Agnes relaxou no mesmo instante e sorriu com carinho genuíno. Embora não tivesse a expectativa de se apaixonar, não dava para negar a existência da paixão, e podia ser belo contemplá-la. Lorde e lady Darleigh estavam claramente iluminados pelo afeto romântico que compartilhavam, embora nunca dessem demonstrações explícitas de seus sentimentos em público.

Sophia estava deslumbrante num vestido azul-turquesa que combinava com perfeição com seu cabelo avermelhado. Na época do casamento, ela usara o cabelo bem curto. Desde então, vinha deixando-o crescer. Ainda não estava comprido, mas sua criada fizera um trabalho astucioso e conseguira um visual arrumado e elegante. Pela primeira vez, ocorreu a Agnes que sua amiga tinha mais do que uma beleza exótica. Sophia abriu um largo sorriso ao ver Dora e Agnes, e abraçou as duas. Já lorde Darleigh, apesar

de cego, parecia olhar diretamente para elas, os olhos muito azuis, enquanto sorria e as cumprimentava.

– Sra. Keeping, Srta. Debbins – disse ele –, que gentileza virem para tornar perfeita a nossa noite.

Era como se os convidados estivessem lhe fazendo um *favor*. Darleigh estava elegante e atraente, vestido de preto e branco.

Não era difícil distinguir os forasteiros entre os convidados. Uma das consequências de se viver no interior, mesmo para alguém que chegara ali poucos meses antes, era a tendência de ver as mesmas pessoas em todos os lugares. E os forasteiros tinham trazido para o salão a alta moda que, como Agnes imaginara, ofuscava seu vestido verde. Na verdade, era como se a elegância daquelas vestimentas ofuscasse a todos.

A Sra. Hunt, mãe do visconde, cuidou com toda a gentileza de acompanhar Dora e Agnes pelo salão, fazendo as apresentações; primeiro a sir Clarence, lady March e Srta. March, todos de aparência muito distinta, embora a altura das plumas que enfeitavam o cabelo de lady March fosse um tanto estarrecedora. Os três fizeram uma breve saudação com rígida condescendência – as plumas também – e Agnes seguiu Dora numa reverência. Em seguida, foram apresentadas a sir Terrence Fry e Sr. Sebastian Maycock, seu enteado, ambos vestidos com elegância, mas sem ostentação. O primeiro se curvou, educado, e fez um comentário sobre a beleza do vilarejo. O segundo, um jovem alto, bem-apeesoado, de modos afáveis, abriu um sorriso e declarou estar encantado em conhecê-las. Tinha esperança de contar com as duas como parceiras de dança no decorrer da noite, mas não fez nenhum convite concreto a elas.

Um sedutor, decidiu Agnes, mais apaixonado pelos próprios encantos do que pelas pessoas. Ela realmente não deveria se permitir fazer julgamentos tão rápidos e tão pouco lisonjeiros quando não contava com quase nada em que se basear.

Em seguida a Sra. Hunt apresentou as duas irmãs ao visconde de Ponsoby, cujos trajes formais, impecáveis, deixavam todos os outros homens no chinelo, com a possível exceção do visconde de Darleigh. Estava todo vestido de preto, a não ser pela imaculada gravata branca de linho, presa com um laço elaborado, e pelo colete prateado. Era um homem alto e forte, um deus louro, o cabelo de um tom intermediário de amarelo, características que, na opinião de Agnes, nunca ficavam muito bem num homem. Seus traços eram de uma perfeição clássica, com olhos inconfundivelmente ver-

des. Havia certo cansaço naquele olhar e um toque de deboche nos lábios. A mão de dedos longos segurava a haste de prata de um monóculo.

Agnes se deu conta, com irritação, de sua condição de pessoa comum. Embora ele não tivesse usado o monóculo quando a Sra. Hunt fizera as apresentações – Agnes teve a impressão de que ele era educado demais para agir assim –, ela sentia que havia sido inspecionada de forma minuciosa, e então descartada, apesar de ele ter se curvado em saudação a ela e Dora, ter perguntado como estavam e até mesmo ter prestado atenção às respostas não muito cativantes das duas.

Era o tipo de homem que sempre deixava Agnes pouco à vontade, ainda que ela não tivesse encontrado tantos como ele antes. Homens atraentes, com aquela aparência estonteante, faziam com que ela se sentisse tediosa, sem graça e extremamente comum. Sempre acabava sentindo desprezo por si mesma. E como ela *desejava* ser vista por homens assim? Como uma desmiolada? Ou talvez como uma mulher sofisticada e espirituosa? Aquilo era uma completa besteira.

Afastou-se dele o mais depressa que pôde, a fim de recuperar o domínio de si mesma, e parou para conversar com o casal Latchley, lamentando o acidente sofrido pelo Sr. Latchley – ele havia caído do alto do celeiro uma semana antes e quebrado a perna. Os Latchleys eram só elogios a lorde e lady Darleigh, que haviam aparecido para fazer uma visita ao Sr. Latchley e insistiram em enviar a carruagem para levar o casal ao baile, convencendo os dois a passar a noite na propriedade e retornar para casa na manhã seguinte.

Enquanto conversavam, Agnes olhou em volta com grande animação. O piso de madeira tinha sido polido até reluzir. Havia grandes vasos de flores em tons do outono por toda parte. Três grandes candelabros com as velas acesas pendiam do teto pintado com cenas da mitologia. A luz das velas fazia cintilar o friso dourado acima do revestimento de madeira das paredes e refletia-se nos muitos e grandes espelhos que davam ao aposento espaçoso a impressão de ser ainda maior e estar mais cheio de flores e de convidados. Os músicos da orquestra – sim, havia uma orquestra de verdade, com oito integrantes, vinda de Gloucester – assumiram seus postos no tablado na outra extremidade do salão e afinaram os instrumentos.

Parecia que todos os convidados haviam chegado. Lorde Darleigh e Sophia se voltaram para o aposento e sir Terrence Fry se dirigiu ao casal, com

a intenção óbvia de que a sobrinha o acompanhasse no primeiro bloco de danças rurais. Agnes sorriu. Também era divertido observar os Marchs fazendo manobras para se aproximar do visconde de Ponsonby. Era evidente que pretendiam que a Srta. March fosse sua parceira nas primeiras danças. E era ainda mais divertido ver o visconde afastando-se deles sem sequer lançar um olhar na direção da família. Ele claramente estava acostumado a evitar atenções indesejadas. Ah, ela teria de contar aquilo para Sophia na próxima vez que se encontrassem! Sophia era diabolicamente boa em fazer caricaturas.

Agnes estava tão ocupada admirando a expressão de desgosto no rosto dos três Marchs que, a princípio, não notou o visconde de Ponsonby movimentar-se na direção do sofá onde o Sr. Latchley esticava a perna machucada. Mas o visconde não pretendia lamentar o ocorrido, nem mesmo cumprimentar o ferido. Nada disso. Ele parou e se curvou diante *dela*.

– Sra. Keeping – disse ele com voz lânguida, até mesmo um tanto entediada –, é esperado que se d-dance, acredito eu, em reuniões c-como esta. Pelo menos foi o que meu amigo Darleigh m-me informou hoje à tarde. Presumo que ele não seria capaz de *ver* que eu não dancei, por ser um t-tanto cego. Porém, eu o conheço o suficiente para estar c-convencido de que ele *saberia*, mesmo que ninguém dissesse nada a ele. Às vezes me pergunto de que adianta ter um amigo cego se não é possível ludibriá-lo em assuntos dessa natureza.

Ah, ele gaguejava ligeiramente – com certeza deveria ser sua única imperfeição externa. As pálpebras ficavam semicerradas, encobrendo os olhos, enquanto falava, o que lhe conferia um ar um tanto sonolento, embora parecesse desperto.

Agnes riu. Não sabia o que mais poderia fazer. Estava sendo convidada para dançar? Mas ele não tinha chegado a fazer o convite, tinha?

– Ah – disse ele, erguendo o monóculo quase na altura do olho. Tinha unhas bem cuidadas, ela percebeu, em mãos indiscutivelmente masculinas. – Muito bem. S-simpatiza comigo, percebo. Mas é preciso dançar. Poderia me dar a honra de me acompanhar enquanto arrasto meus pés pelo salão?

Ele *estava* convidando-a para dançar, e para dançar *com ele*, na abertura do baile. Agnes mantivera a esperança fervorosa de que *alguém* fizesse um convite. Afinal de contas, tinha apenas 26 anos, o que não era de forma alguma uma idade avançada. Mas... o visconde de Ponsonby...

Sentiu-se tentada a sair correndo porta afora e só parar quando chegasse em casa.

Qual era, afinal, o *problema* com ela?

– Muito obrigada, meu senhor – respondeu, com a voz contida como de hábito, para seu alívio. – Vou tentar dançar com alguma graça.

– Não esperaria outra coisa da s-senhora – disse ele. – Mas *eu* vou arrastar os pés.

Então ele ofereceu-lhe o braço. De algum modo, Agnes conseguiu manter a mão firme ao pousá-la sobre a dele. Foi conduzida para junto dos outros dançarinos. Ele fez um cumprimento quando ela se posicionou na fileira de damas, antes de seguir para seu lugar junto aos homens, no lado oposto.

Minha nossa! – foi o que ela pensou e, por um momento, foi *tudo* em que conseguiu pensar. Mas seu senso de humor, que estava sempre à mão para ser usado contra ela mesma, veio salvá-la, e ela sorriu. Seria divertidíssimo lembrar-se dessa meia hora no dia seguinte. O maior triunfo de sua vida. Não pensaria em outra coisa durante uma semana inteira. Não. Durante uma *quinzena*. Por pouco não soltou uma gargalhada.

Diante dela, o visconde de Ponsonby, ignorando toda a agitação ao redor, ergueu ironicamente uma sobrancelha ao olhar para Agnes. Ele devia estar se perguntando por que ela sorria com tanta alegria. Devia imaginar que estava encantada por dançar com ele – o que, claro, era verdade, embora não fosse de bom tom sorrir de maneira triunfante por *esse* motivo.

Um acorde de abertura ecoou e a orquestra começou a tocar.

Não foi surpresa constatar que os dotes de dançarino do visconde haviam sido muito mal representados por suas palavras. Ele executava os passos e as sequências com elegância, sem qualquer esforço. Atraiu para si um bom número de olhares: inveja dos homens e admiração das mulheres. Embora a complexidade da dança não permitisse muita conversa, sua atenção permaneceu voltada para Agnes. Ela sentia que ele dançava com *ela* e não apenas para cumprir a tarefa de ser agradável em sociedade.

Era assim que se comportava um verdadeiro cavalheiro, disse Agnes para si mesma quando a dança acabou e ele a acompanhou até Dora, curvando-se com educação diante das duas antes de se afastar. Não havia nada de especial na atenção que ele dedicara a ela. No entanto, Agnes ficou com a inesperada convicção de que nunca, jamais desfrutara de uma noite tão agradável. Nenhuma outra se comparava àquela.

Desfrutara? Como se a noite já tivesse acabado.

– Estou tão satisfeita que alguém tenha manifestado o bom gosto de dançar com você, Agnes – disse Dora. – O visconde é um cavalheiro muitíssimo bem-apessoado, não é? Embora eu deva confessar que sinto um pouco de desconfiança daquela sobrançelha esquerda dele. Tem um ar claramente zombeteiro.

– Com certeza – concordou Agnes, refrescando o rosto com a brisa do leque enquanto as duas riam.

No entanto, ela não se sentiu alvo de nenhuma zombaria vinda da sobrançelha ou do homem. Pelo contrário, a sensação era confortável, deliciosa. E Agnes sabia, sem a menor sombra de dúvida, que sonharia com aquele baile, com a dança de abertura e com seu par por muitos dias, talvez até por semanas. Quem sabe por anos. Ficaria perfeitamente feliz em voltar para casa naquele instante, embora fosse impossível ir embora tão no início da noite. Era lamentável, mas achava que nada mais poderia superar aqueles momentos emocionantes. Infelizmente, pensava, todo o restante do baile estava fadado a ser um verdadeiro tédio.

Porém, não foi bem assim.

Todos haviam deixado de lado as preocupações diárias para aproveitar o esplendor opulento do baile da colheita em Middlebury Park. Todos estavam ali para celebrar o casamento feliz, em breve abençoado por um filho, do jovem visconde de quem sentiram tanta pena somente três anos e meio antes, quando retornara cego e recluso, sufocado pelos cuidados protetores da mãe, da avó e das irmãs. Estavam ali para celebrar o casamento dele com aquela criatura delicada, dona de um encanto caloroso e de uma energia infundável, que conquistara o coração de todos nos sete meses decorridos desde sua chegada.

Como Agnes poderia não se divertir e celebrar com os demais? Na verdade, foi exatamente o que ela fez. Não perdeu uma única dança e ficou encantada ao ver que Dora também foi convidada ao salão uma série de vezes. Na hora da ceia, teve a companhia do Sr. Pendleton, um dos cunhados do visconde, um cavalheiro afável com quem conversou durante boa parte da refeição, e da Sra. Pearl, a avó materna do visconde, com quem também trocou algumas palavras.

Houve brindes, discursos e o bolo de casamento. Foi de fato uma autêntica e extravagante comemoração matrimonial.

Ah, e não houve tédio depois das primeiras danças. A festa prosseguiu após o jantar, com uma valsa. Era a primeira da noite e provavelmente seria também a última, o que ocasionara certo interesse entre os convivas. Embora fosse dançada em Londres e em outros centros elegantes havia muitos anos, ainda era considerada um tanto atrevida no interior e raras vezes era incluída na programação das festas locais. Agnes conhecia os passos. Tinha praticado com Dora, que ensinava dança para alguns de seus alunos de música, entre eles Sophia. Estava tudo planejado, Dora confidenciara a Agnes, para que a viscondessa dançasse a valsa com seu tio.

Entretanto, não era com o tio que Sophia pretendia valsar, como notou Agnes ao virar o rosto e descobrir a fonte do burburinho que misturava vozes altas e risos. Alguém começou a bater palmas devagar, e os outros passaram a acompanhar.

– Valse com ela – disse alguém.

Era o Sr. Harrison, um dos melhores amigos de lorde Darleigh.

Sophia estava no meio do salão. Agnes viu que a amiga estendia os braços e que tinha a mão do visconde de Darleigh unida à dela. Havia um enorme sorriso em seu rosto corado. Minha nossa, ela estava tentando persuadir o marido a dançar! E, àquela altura, metade dos convidados batia palmas ritmadas.

Agnes se juntou a eles.

E todos repetiam as palavras do Sr. Harrison, num mesmo refrão.

– Valse com ela. Valse com ela.

O visconde deu alguns passos pelo salão vazio com Sophia.

– Se eu der um completo vexame – disse ele, quando o refrão e as palmas silenciaram –, poderiam ter a delicadeza de fingir que ninguém reparou?

Houve uma gargalhada geral.

A orquestra não esperou que ninguém mais os acompanhasse.

Agnes levou as mãos ao peito e assistiu à cena com os outros, ansiosa para que o visconde *não* desse um vexame. Ele valsou um tanto desajeitadamente a princípio, mas com um sorriso no rosto e claramente se divertindo tanto que Agnes se pegou piscando para conter as lágrimas. Então, de algum modo, o visconde entrou o ritmo da dança, com Sophia olhando para ele de modo radiante e com tamanha admiração que nem todo o esforço de Agnes foi capaz de impedir que uma lágrima descesse por seu rosto. Ela a secou com a ponta do dedo e olhou, furtiva, para os lados, para

se assegurar de que ninguém havia percebido. Ninguém tinha percebido, mas *ela* percebeu que havia várias pessoas com os olhos úmidos.

Depois de alguns minutos, houve uma interrupção na música e outros casais se juntaram ao visconde e à viscondessa no salão. Agnes suspirou de contentamento e talvez com alguma tristeza. Ah, seria maravilhoso se...

Voltou-se para Dora, a seu lado.

– Você ensinou Sophia muito bem – disse.

Mas os olhos de Dora estavam fixos atrás da irmã.

– Creio que você está prestes a ser escolhida para receber uma atenção especial pela segunda vez esta noite – murmurou Dora. – Vai ser impossível conviver com você pela próxima semana.

Agnes não teve a chance de responder nem de virar para ver o que – ou quem – Dora olhava.

– Sra. Keeping – disse a voz um tanto lânguida do visconde de Ponsonby –, diga-me que não tenho um rival para sua mão nesta dança específica. Ficaria arrasado. Se devo valsar, é preciso que seja com uma parceira sensata.

Agnes fechou o leque e voltou-se para ele.

– É mesmo, meu senhor? – perguntou ela. – E o que o leva a crer que eu seja sensata?

Aquilo deveria ser considerado um *elogio*? Ser *sensata*?

Ele jogou a cabeça ligeiramente para trás e deixou que seus olhos vagassem pelo rosto de Agnes.

– Há certa luz no seu olhar e uma expressão em seus lábios – disse ele – que proclamam que a senhora é uma observadora da vida, além de ser alguém que também põe mãos à obra. Uma observadora que às vezes *se diverte*, se não me engano.

Minha nossa. Ela o encarou com surpresa. Esperava que ninguém mais tivesse percebido aquilo. Nem estava certa de que era mesmo verdade.

– Mas por que o senhor desejaria uma parceira sensata para a valsa de modo mais urgente que para todas as outras danças? – perguntou ela.

Sensato seria *aceitar* o convite sem delongas, pois não conseguia pensar em nada mais divino do que valsar em um baile de verdade. E com toda a certeza a música recomeçaria a qualquer momento, apesar de a orquestra parecer esperar um pouco para que outros casais se dirigissem ao meio do salão. Agnes tinha uma chance de dançar a valsa com o *visconde de Ponsonby*.

– É preciso valsar cara a cara com a p-parceira até o amargo fim – disse ele. – Deve-se ter a esperança de poder manter p-pelo menos alguma conversa interessante.

– Ah – disse ela. – O clima então é um assunto a ser descartado?

– Assim como o estado de saúde de todos os conhecidos até a t-terceira ou quarta geração – acrescentou ele. – A senhora v-valsará comigo?

– Temo isso imensamente – disse ela –, pois agora o senhor me deixou em maus lençóis. Terá sobrado algum assunto sobre o qual *possamos* conversar com sensatez ou mesmo sem?

Ele estendeu o braço sem responder e ela pousou a mão sobre a dele, sentindo as pernas ameaçarem ficar bambas quando ele sorriu para ela – um sorriso com os olhos semicerrados que parecia sugerir intimidade, em desacordo com a natureza pública do ambiente onde se encontravam.

Suspeitava estar nas mãos de alguém muito talentoso na arte do flerte.

– Ver Vincent dançar a valsa – disse ele, ao assumirem posições frente a frente – é o suficiente para levar alguém à *l-lágrimas*. Concorda, Sra. Keeping?

Nossa. Será que ele havia visto aquela lágrima?

– Por ele ter dançado de um modo desajeitado? – Ela ergueu uma sobrancelha.

– Por ele estar ap-apaixonado – disse ele, com um terrível vacilar na última palavra.

– Não aprova o amor romântico, meu senhor?

– Acredito que seja muito tocante nos outros – disse ele. – Mas talvez devêssemos falar sobre o clima, afinal de contas.

No entanto, não falaram, pois naquele exato momento a orquestra fez soar um acorde decisivo. Ele deslizou uma das mãos por trás da cintura de Agnes enquanto ela pousava a mão no ombro dele. O visconde prendeu-lhe a outra mão e conduziu-a de imediato num amplo volteio que a deixou sem fôlego e a fez ter certeza de que valsava com alguém que era não apenas habilidoso no flerte, mas também um exímio dançarino. Não teria importado se ela não soubesse os passos, ela estava convencida. Seria quase impossível não seguir os comandos dele.

As cores e as luzes giravam à sua volta. A música a engoliu assim como os sons das vozes e dos risos. Havia milhares de perfumes florais, as velas, as colônias. Havia a intensa alegria de rodopiar, sendo ela ao mesmo tempo parte do movimento e seu próprio centro.

E havia o homem que a fazia rodopiar pelo salão, sem se preocupar em entabular qualquer conversa, sensata ou não, mas que a mantinha na distância correta de seu corpo e a contemplava com aqueles olhos aparentemente sonolentos, mas argutos, enquanto ela também o encarava sem pensar que talvez fosse aconselhável desviar o olhar ou baixar os olhos, com modéstia – ou pelo menos encontrar algo para dizer.

Ponsonby era um homem belíssimo, dono de um poder de atração tão avassalador que Agnes foi incapaz de erguer qualquer tipo de defesa contra sua sedução. Havia no rosto dele a força de seu caráter, bem como cinismo, intensidade e tanto mistério que seria impossível desmascará-lo por completo mesmo depois de uma vida inteira a seu lado. Havia nele algo cruel, espirituoso, encantador e doloroso.

Mas tudo que percebera sobre ele não era consciente nem verbal. Agnes sentia-se envolvida de um modo tão intenso que aquele momento parecia uma eternidade – ou um piscar de olhos.

Não houve interrupção na música. Quando a valsa acabou, fez-se um intervalo. E o brilho zombeteiro que voltou aos olhos dele também estava presente no canto dos lábios.

– No fim das contas, não foi s-sensata – disse ele. – Apenas encantadora.

Encantadora?

Ele devolveu-a à companhia de Dora, saudou-a de modo gracioso e se afastou sem dizer mais nada.

E Agnes estava apaixonada.

Loucamente, profundamente, desesperadamente, gloriosamente apaixonada.

Por um homem cínico, experiente, talvez perigoso e versado nas artes do flerte.

Um homem que ela provavelmente nunca mais voltaria a ver depois daquela noite.

O que talvez fosse mesmo o melhor.

Sim, sem dúvida, seria o melhor.

CONHEÇA OS LIVROS DE MARY BALOGH

OS BEDWYNS

Ligeiramente perigosos

Ligeiramente pecaminosos

Ligeiramente seduzidos

Ligeiramente escandalosos

Ligeiramente maliciosos

Ligeiramente casados

CLUBE DOS SOBREVIVENTES

Uma proposta e nada mais

Um acordo e nada mais

Uma loucura e nada mais

Uma paixão e nada mais

Uma promessa e nada mais

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

